

## O Existente e o Real na Tese de David Lewis

Manuela Bastos Arantes (UFSC)

Orientador: Luiz Henrique Dutra

Apesar de constituir matéria de investigação desde a antiguidade, foi apenas neste século que as tentativas de formalizar a lógica modal atingiram sucesso, muito embora juntamente com esse sucesso tivessem surgido também algumas dificuldades, principalmente filosóficas.

Uma das dificuldades encontradas na lógica modal diz respeito à semântica. Geralmente, não é possível calcular o valor de  $z$  a partir do valor de  $a$ . Posta esta dificuldade, foi criada por Saul Kripke a semântica dos mundos possíveis com relações de acessibilidade entre os mundos. Uma interpretação consiste em um conjunto de mundos possíveis com uma atribuição de valores às fórmulas em cada um deles. Assim, se uma fórmula é verdadeira em todos os mundos acessíveis, ela é necessariamente verdadeira. Se for verdadeira em algum mundo, ela é possivelmente verdadeira.

Entre as posições que tomam a semântica dos mundos possíveis como uma resposta à questão da interpretabilidade da lógica modal, há aquela cuja abordagem é realista, ou seja, o discurso sobre mundos possíveis é um discurso sobre entidades reais. Um dos defensores dessa abordagem é David K. Lewis. Segundo sua tese, existe um número infinito de mundos possíveis, além deste que habitamos. Não uma existência abstrata, conceitual ou coisa que o valha. O que Lewis defende é uma existência "concreta" na mesma medida que o nosso mundo o é. Por conta da sua posição, sua teoria é apontada por muitos como responsável por levar a paradoxos insuperáveis.

### 1. O Que Existe?

Uma das noções polêmicas em filosofia é a noção de existência, visto que é utilizada de forma diversa por várias correntes filosóficas. Uma vez que a noção de existência pode ser aplicada a qualquer entidade, seja ela física ou abstrata, real ou ideal, torna-se importante distinguir, dentre os vários significados, aqueles mais utilizados como termos técnicos na filosofia. Como toda essa discussão é muito minuciosa além de polêmica, não detalharei as noções nem as objeções dos autores que se ocuparam do tema, mas tentarei simplificá-las de forma a agrupá-las em três concepções principais do conceito. Isto feito, tornar-se-ão mais claras as diferenças entre elas.

A abordagem mais antiga e clássica é a metafísica, na qual a questão da existência é discutida juntamente com as noções de essência e ser. A existência é um modo de ser independente da essência da entidade, pois para se saber o que uma entidade é a existência é irrelevante. A essência é algo como a inteligibilidade da existência. Pode-se também dizer que a existência é um momento do ser, pois há momentos em que a entidade existe (quando é atual) e outros em que não existe (quando é potencial).

Ainda que a questão da existência tenha sido abordada na antiguidade, principalmente por Aristóteles, é na idade média que os debates se intensificam e aprofundam,

tendo-se em conta uma grande diferença entre os autores medievais e os “sistemas” platônico e aristotélico. Segundo esses autores medievais, a existência se refere às coisas, porém há existências que não são propriamente coisas e nem se podem compreender por analogia a nenhuma outra coisa. São, porém, mais “existentes” que outras coisas, por exemplo Deus, os anjos, o homem. De acordo com alguns desses autores o existir coincide com o próprio ente. Assim, pode-se dizer que a essência é a resposta a pergunta “o que a coisa é” e a existência a resposta à “se a coisa é”

Um segundo significado é o que indica o modo de ser do homem no mundo, a abordagem existencialista. Para esta corrente, a existência não é um conceito, uma vez que o homem singular ou qualquer outra coisa não tem existência conceitual. No mundo animal a espécie é mais importante que o indivíduo. Já na espécie humana o indivíduo não pode ser reduzido à espécie. Assim sendo, a existência singular se aplica apenas ao homem. Este significado de existência inclui o conceito de possibilidade, uma vez que a existência não é algo que já é, é dado ou posto, antes, é um poder ser. Em outras palavras, é um modo de ser que constitui seu próprio ser, que faz a si mesmo.

Em seu texto “O existencialismo é um humanismo” Sartre afirma que no homem a existência precede a essência, diferentemente das outras coisas, as quais são em princípio idéias na mente de seu criador e assim, portanto, a essência precede a existência. No caso do homem, este inicialmente surge no mundo, isto é, existe e só depois se define. Sartre tem essa concepção por rejeitar tanto um deus criador quanto uma natureza humana, posto não haver um deus para a conceber. Assim, o homem primeiramente existe e com o tempo torna-se isto ou aquilo, ou seja, adquire sua essência.

Mas porque apenas no homem a existência precede a essência? Sartre responde que isso acontece porque apenas o homem é livre. Diferentemente de outros seres, o homem não é pré-determinado. Assim, enquanto todas as outras coisas do mundo são o que são por pré-determinação, o homem existe, pois a cada momento tem que escolher o que será no momento seguinte. Sendo assim, ao contrario das outras coisas do mundo para as quais não há alternativa, pelo fato de existir o homem transcende seu “eu” passado, ao torna-lo objeto de seu olhar e, escolhendo livremente o homem que quer ser, existe. Desta forma é a existência que forja sua própria essência, que cria sua própria inteligibilidade e a do mundo no qual esta inserida.

Uma outra noção é aquela debatida nos círculos da filosofia analítica, a existência lógica. Ela se caracteriza como modo de ser determinado ou definido de certa maneira, ou seja, o que há é uma certa delimitação do significado de ser, delimitação que no caso das ciências exatas opera na base de definições precisas. A noção de existência gira em torno de “algumas vezes verdadeiro” Sendo assim, o quadrado redondo, por ser autocontraditório, não existe. O problema da existência surge quando se discute como se há de interpretar a quantificação e quando se debate se há ou não distinção entre “existe” e “há”

O caráter inevitável de um compromisso ontológico é minimizado pela posição defendida por Quine, segundo a qual “ser é ser o valor de uma variável” isto é, existem aquelas coisas sobre as quais quantificamos. De acordo com essa noção, o

uso de nomes e descrições não é critério de compromisso ontológico, pois, “nomes podem ser convertidos em descrições, e Russell demonstrou que descrições podem ser eliminadas” (Sobre o que Há, p. 224). A única forma de envolvimento em compromissos ontológicos é pelo uso de variáveis de quantificação, como “algo” “nada” “tudo” as quais, percorrendo nossa ontologia, reconhecem as entidades que tornam as nossas afirmações verdadeiras.

Após esta breve exposição pode-se ter uma idéia da flexibilidade em conceber-se ou usar-se o termo “existir”. Se enquanto metafísico o termo está associado à “realidade”, ou a um nível de realidade, o “compromisso ontológico” por proporcionar um critério para determinar quais entidades se admitem como existentes, permitem edificar lógicas sem pressuposições existenciais. Por outro lado, a abordagem existencialista, que toma o homem como único objeto da existência, se é que têm alguma relação com as anteriores, as diferenças das noções superam em muito as similaridades.

É claro que, seja na abordagem metafísica ou na existencialista, não se prescindiu dos aspectos lógicos da noção de existência. Nenhuma delas relegou também os aspectos metafísicos e ontológicos. Assim mesmo, por utilizar um vocabulário filosófico distinto, foi possível, com recurso à noção de referencia, estabelecer diferenças de significação que mostram o quão polêmica é a discussão em torno do tema, uma vez que o uso destes vocabulários específico às vezes torna o termo incompreensível quando há choques nas abordagens.

## 2. O Que É Real?

Outro ponto de controvérsia é quanto ao significado de “real”. Da mesma forma que anteriormente, não discutirei as características e objeções das várias definições. Por uma questão de método, abordarei três noções do termo “real” as quais visam demonstrar que a discussão em torno do tema é bastante variada e polêmica. Estas noções têm em comum o fato de admitirem que a expressão “é real” é significativa, o que não é aceito por todas as correntes filosóficas. As noções apresentadas pretendem dar uma visão geral do significado do termo quando utilizado, para com isso embasar uma discussão que visa demonstrar o quão controverso é o tema.

O significado de “real” pode estar estreitamente relacionado às noções de essência e existência. A realidade pode ser, de acordo com este significado, um momento do ser. Há um momento em que o ser existe e alguns filósofos afirmam que a realidade corresponde unicamente à existência, bem como há momentos do ser em que ele é essência, ou seja, o que ele é. Igualmente, alguns filósofos supõem que só a essência é real. A filosofia platônica introduz o conceito de uma realidade modelar e originária, elevando a essência ao “real” uma vez que apenas o mundo das idéias (ou essências) é real, sendo o mundo sensível um mundo de aparências. A doutrina aristotélica situa o valor do real na união da matéria e da forma, isto é, na substância individual e concreta a qual é requisito da existência. O “real” é sempre um indivíduo singular no qual uma determinada forma se encontra intrinsecamente unida a uma determinada matéria. O que ambas posições sustentam é que este significado de “real” opõe-se à mera aparência, ilusão ou o nada.



Outro significado de "real" pode ser oposto ou distinto de ideal, ou seja, a forma de ser das coisas enquanto existem fora da mente humana ou independentemente dela, em oposição à subjetividade, ou seja, que só existe no pensamento, na qualidade de idéia ou forma de ser ideal. A primeira posição é mantida pelo Realismo para o qual o pensamento é um modo de expressão de uma realidade externa que o sustenta e enforma, reconhecendo a existência de entidades reais e absolutas independentemente do fato de serem ou não conhecidas. Sustenta que tais entidades (concretas ou abstratas) existem no estrito sentido da palavra, ou seja, se distinguem ao mesmo tempo do nada, das suas causas e dos atos pelos quais eventualmente podem ser conhecidas ou pensadas.

A segunda posição é defendida pelo Idealismo o qual sustenta que seus objetos, apesar de serem abstratos e subjetivos, são tão "em si" como os objetos reais, porém sua forma de ser é diferente da forma de ser real. Entre os objetos ideais julga-se encontrar as entidades matemáticas e as entidades lógicas. Dada a dificuldade de se determinar tais entidades, se diz com freqüência que suas determinações são principalmente negativas, ou seja, são não temporais, não espaciais, não atualizadas, não experienciabilizadas, carentes de interação causal, etc.

A noção de "real" também pode significar atualizado em oposição a possível. Deste ponto de vista, a realidade seria um dos modos de ser, aquilo que se efetivou e tem existência de fato, ou seja, uma possibilidade objetiva de observação, de constatação ou de controle e, portanto, também de descrição ou previsão. O "real" como atualizado pode ser entendido como uma realidade contingente, que pertence à ordem natural. Esta noção encontra-se aparentemente em oposição à possibilidade, um modo de ser não realizado ou efetivado, porém inteligível.

Assim como no caso da definição de "existente", a tentativa de definir "real" apresentou dificuldades e mostrou ser problemática. O "real" como oposto ao aparente é uma significação difícil de ser admitida, pois o aparente é também "real" já que de outra maneira não poderia ser uma "aparência real". O "real" como atualizado pode relacionar-se com o "real" como existência. Tal relacionamento é, no entanto, duplamente errôneo, pois o "real" possui também os outros modos, ou seja, a possibilidade real, a impossibilidade real, etc. Podemos ainda conceber uma realidade essencial ou ideal além de uma realidade lógica ou cognoscível.

Como se pode perceber, toda essa discussão em torno do "real" é um tanto obscura e confusa, o que torna o assunto motivo para longos debates. Não pretendo com o exposto defender nenhuma das posições anteriores. Como expliquei anteriormente, a minha intenção ao apresentar estas varias definições foi mostrar o quanto é vasta a controvérsia em relação ao tema e com isso embasar minha defesa a uma das acusações de paradoxo sofrida pela tese de Lewis.

### **3. Os Mundos Possíveis**

Constantemente nos perguntamos como seria a nossa vida se tivéssemos feito outras opções possíveis em lugar daquelas pelas quais optamos. Acredito até que poucos de nós agiríamos da mesma forma se tivéssemos a oportunidade de mudar nossas ações no passado.

A maior parte de nós também concorda que as coisas poderiam ter sido diferentes de inúmeras maneiras. Eu poderia freqüentar qualquer outro curso, ter vestido qualquer outra roupa pela manhã ou mesmo nem estar aqui hoje. A todo instante escolhemos o “sim” ou o “não” às possibilidades que se nos apresentam. Assim sendo, constantemente nos referimos ao modo que as coisas poderiam ter sido. De acordo com Lewis:

A linguagem comum permite a paráfrase: Há muitas maneiras que as coisas poderiam ter sido além da maneira que as coisas realmente são. Em face disto, esta sentença é um quantificador existencial. Diz que existem muitas entidades descritas de uma certa maneira, por exemplo, “maneiras que as coisas poderiam ter sido”. (Counterfactuals, p.84).

De acordo com Lewis, se nossas expressões modais não quantificam sobre mundos possíveis, quais são as alternativas?

- a) poderíamos toma-las como primitivos não analisados – esta porém não é uma teoria mas uma abstinência em teorizar.
- b) poderíamos toma-las como predicados metalinguísticos analisáveis em termos de consistência – esta alternativa porém leva à circularidade, uma vez que a tentativa de se explicar a consistência semanticamente supõe uma noção prévia de possibilidade, pois que utiliza a expressão modal “poderia”
- c) poderíamos toma-las como quantificadores sobre entidades lingüísticas, conjuntos maximais consistentes de sentenças de alguma linguagem os quais poderiam ser denominados “mundos possíveis” – novamente a teoria seria circular ou incorreta, de acordo com nossa explicação de consistência em termos modais ou termos dedutivos.

Com isso Lewis quer mostrar que, ao contrario da sua teoria, as alternativas conduzem a problemas que inviabilizam tais teorias e que, portanto, o realismo modal professado por ele é a melhor teoria.

Segundo sua tese, o mundo do qual fazemos parte é um dentre uma infinidade de mundos possíveis. Alguns deles são muito parecidos com o nosso, outros muito diferentes. Alguns são tão parecidos que se diferenciam do nosso apenas por um detalhe, por exemplo, a cor da nossa casa, a posição de uma cadeira na cozinha ou ainda apenas que você não vive nele. Outros mundos são tão diferentes a ponto de ter diferentes leis da natureza, serem formados por partículas diferentes, com propriedades físicas exóticas, serem desabitados ou mesmo habitados por fadas, gnomos e dragões.

Não importa quão distante de nós algo se encontre, se do outro lado do mundo, em outro planeta, em outra galáxia, enfim, a qualquer distância próxima ou remota que seja, faz parte do nosso mundo. Não importa quão distante no passado ou no futuro uma coisa esteja, seja ontem, ano que vem, no tempo dos dinossauros, ou o momento do Big-Bang, em qualquer passado remoto ou futuro distante, faz parte do nosso mundo.

Por outro lado, não há relações espaçotemporais entre as coisas que pertencem a mundos diferentes. Da mesma forma, não há quaisquer relações causais entre os mundos, isto é, nada do que acontece num mundo é causa de qualquer coisa que acontece em outro mundo. Em resumo, os outros mundos estão espaçotemporal e causalmente isolados de nós e, portanto, inacessíveis a qualquer contato conosco e entre si.

Nenhum mundo difere de outro na maneira de existir. O fato de alguma coisa existir na terra e outras coisas existirem em outros planetas, ou mesmo não existir em algum lugar não diferencia o modo de existir, apenas há uma diferença na localização ou ausência entre coisas que existem. Com isso, Lewis compara a existência dos mundos possíveis:

Igualmente algumas coisas existem aqui no nosso mundo, outras existem em outros mundos; novamente, eu tomo isso como uma diferença entre coisas que existem, não uma diferença na sua existência.  
(On the a Plurality of Worlds, p.3)

No que toca à questão da existência, percebe-se que Lewis utiliza o termo na sua significação metafísica, ou seja, “se a coisa é”. Este é justamente um dos motivos de crítica à sua teoria, uma vez que o custo ontológico pode ser alto demais em relação aos benefícios proporcionados por sua teoria.

#### 4. O Mundo Real

De acordo com Lewis, o nosso mundo é o mundo real, o nosso mundo existe realmente. Será que o nosso mundo é especial em relação aos outros? Se não, o que Lewis quer dizer com isso?

Segundo o autor, nada no nosso mundo o torna especial, nem o fato de existir realmente, pois o nosso mundo existe realmente apenas para nós, não para os habitantes dos outros mundos. Lewis não utiliza o termo “real” como um termo geral que se aplica a tudo que há. É sim um termo relativo, dêitico, cuja característica principal é fazer referência ao contexto onde é proferido. Quando usado por nós se refere ao nosso mundo e a todos seus habitantes. Refere-se a tudo que esteja espaçotemporal e causalmente relacionado a nós. É um termo que, quando utilizado por nós, serve para distinguir o nosso mundo de outros. Da mesma forma, quando proferido por habitantes de outro mundo, estará se referindo a esse mundo. O texto “Anselm and Actuality” esclarece este ponto:

Sugiro que “real” e seus cognatos têm que ser analisados como termos dêiticos: termos cuja referência varia, dependendo de características relevantes do contexto de proferimento. A característica relevante de contexto para o termo “real” é o mundo no qual um dado proferimento ocorre. De acordo com a análise dêitica que eu proponho, “real” (no seu sentido primário) se refere a qualquer mundo  $w$  no mundo  $w$ . “Real” é análogo a “agora” um termo dêitico cuja referência varia dependen-





analiticidade em qualquer delas. Sendo assim, fica com a segunda tese e dispensa a opinião de que tudo é real. Ao tomar essa posição discorda do senso comum e reconhece que esta é uma clara objeção, porém menos grave que a acusação de paradoxo, ou seja, a tentativa de quantificar sobre coisas tal que não há tais coisas.

O uso que o autor faz de "real" é uma mera questão de terminologia. Isso se dá porque a terceira das três teses parece obrigatória. Nas palavras do autor:

Eu também acharia muito estranho dizer que modalidade, como entendida normalmente, é quantificação sobre partes da realidade. Se fosse convencido de que tenho que chamar todos os mundos de reais – neste caso poderia também estar relutante de chamá-los de mundos – então se tornaria muito implausível dizer que o que poderia acontecer é o que acontece em um ou outro mundo. (*On the Plurality of Worlds*, p.100).

## 6. Conclusão

Até o momento, pude perceber que realidade, na tese de Lewis, opõe-se à mera possibilidade, uma vez que real é o que há de fato ('de fato' pode estar um pouco ambígua aqui, sendo apenas um sinônimo de "real" igualmente, a seguir, 'realizado'). Real é o realizado e o meramente possível é o não realizado ('meramente' porque, obviamente, o que é realmente o caso, também é possível). Por esse motivo não se pode estender a realidade a outros mundos, considerando-se que tudo que existe é real. O que Lewis faz, e este talvez seja o ponto que causa estranheza, é ampliar o que existe. Dizer que há coisas que existem porém não são reais é uma distinção às vezes incompreensível ao senso comum, porém, nas palavras de Lewis, "o senso comum não tem autoridade absoluta na filosofia" (*On the Plurality of World*, p. 134).

## BIBLIOGRAFIA

- Danto, Arthur C. *Conexions to the World*. Berkley: University of California Press, 1997
- Dutra, Luiz Henrique A. "Ceticismo e Realismo Científico" *Manuscrito* 19(1): 209-253, 1996.
- Lewis, David. *Counterfactuals*. Oxford: B. Blackwell, 1974.
- Lewis, David. *On the plurality of world*. Oxford: B. Blackwell, 1980.
- Lewis, David. *Philosophical papers*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- Ryle, G.; Austin, W. V. Quine, P. F. Strawson. *Ensaio (Os Pensadores)*. 2ª ed; São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- Sartre, Jean Paul. "O Existencialismo e um Humanismo" *Coleção Os Pensadores*. 3ª.ed; São Paulo: Nova Cultural, 1987.